



Revista Café com Sociologia

Volume 5, número 2, Mai./Agos. 2016

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER E A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO PROCESSO SOCIALIZADOR

Elaine Aparecida Toricelli Cleto¹
Cristiane Roque de Almeida²

Resumo

Neste trabalho analisamos o filme O enigma de Kaspar Hauser (1974) com foco nos problemas de aquisição do conhecimento e da linguagem apresentados por seu personagem principal, em função de seu isolamento social durante parte de sua vida. A discussão é realizada a partir da obra de Izidoro Blikstein, Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade (1985), e as análises contribuem para a compreensão da relação indivíduo e sociedade, de modo a se reiterar como a prática social está condicionada à percepção/cognição da realidade e o convívio social, mediado pela linguagem, se transforma na mola propulsora da identidade do homem enquanto ser social.

Palavras-chave: Socialização. Aquisição da linguagem. Cultura.

THE ENIGMA OF KASPAR HAUSER AND THE IMPORTANCE OF LANGUAGE IN THE PROCESS SOCIALIZER

Summary

In this paper we analyze the film The Kaspar Hauser Puzzle (1974) with a focus in the problems of acquisition of the knowledge and language presented by its central character, due to his social seclusion during for most of his life. The discussion is conducted as from the work of Izidoro Blikstein, Kaspar Hauser or the fabrication of reality (1985), and the analyzes contribute to the comprehension of the relationship between individual and society, in order to reiterate how the social practice is conditional upon the perception / cognition of reality and social living, mediated by language, becomes the driving force of the identity of man as a social being.

Keywords: Socialization. Language acquisition. Culture.

¹ Cientista Social, Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Analista em Ciências Sociais na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Palmas. E-mail: elainecleto@hotmail.com

² Cientista Social e Mestra em Sociologia pela UFG. Professora do colegiado de Direito da Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: crisroque@uft.edu.br

Já é lugar-comum nas áreas das ciências humanas e sociais o entendimento do homem como um ser sociohistórico, moldado pela sua inserção no universo da cultura. A partir desse pressuposto, temos a intenção de reforçar a importância da linguagem, da comunicação e dos consensos sociais nesse processo, uma vez que os acontecimentos e atividades que constituem a vida em sociedade seguem um comportamento padronizado habitualmente reconhecível, mediado pelas várias formas de linguagem, mas, porém, muitas vezes não notamos a natureza reiterativa da maior parte das ações sociais, pois tendemos a prestar mais atenção àquilo que é idiossincrático ou singular do que àquilo que é semelhante.

Assim, os problemas da aquisição do conhecimento e da comunicação, abordados por Werner Herzog, em seu filme *O enigma de Kaspar Hauser* (1974), podem ser analisados de forma interdisciplinar através dos elementos apontados por Izidoro Blikstein, em sua obra *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade* (1985). Num primeiro momento, apresentamos as questões capitais da obra de Herzog no que se refere à relação do personagem principal com a sociedade para, na sequência, abordarmos a análise efetuada por Blikstein dos aspectos lingüístico-cognitivos acerca da obra de Herzog. Autores como Pierre Bourdieu (1998), Angela Kleiman (1995), Berger e Berger (1977) contribuem para uma compreensão da relação indivíduo e sociedade, de modo a se reiterar como a prática social está condicionada e, mediado pela linguagem, o convívio social se transforma na mola propulsora da identidade do homem enquanto ser multifacetado, multideterminado.

De início, importante estabelecer uma relação entre o título em português do filme de Herzog, *O enigma de Kaspar Hauser* (1974), e o título do livro de Blikstein *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade* (1985). Os dois autores tratam do percurso do desenvolvimento do mesmo personagem, o jovem Kaspar Hauser. No título do filme, Herzog questiona como Hauser consegue, por meio da percepção/cognição, conhecer a realidade do mundo que lhe é apresentado depois de anos vivendo no isolamento, e como não consegue compartilhar dos mesmos consensos sociais, criando um modo próprio de atribuição de significados às coisas, tornando-se um enigma a ser desvendado. Já no título do livro, Blikstein (1985) mostra que a realidade pode ser criada, fabricada, pois a realidade objetiva depende da realidade subjetiva, confirmando assim a criação/atribuição de significados feita por Hauser, descrita por Herzog (1974).

O filme do diretor alemão Werner Herzog é baseado em registros da história de um jovem que viveu isolado em um porão desde a mais tenra infância, até mais ou menos seus dezoito anos. Kaspar Hauser teria vivido em um mundo que acreditava ser único e que se reduzia a quatro

paredes e a poucos objetos como um cavalo de brinquedo. Ignorava totalmente a existência de um mundo além daquele ambiente frio e escuro que conhecia. Sua alimentação era basicamente pão e água deixados à noite enquanto dormia. Assim, não desenvolveu a linguagem e nem as atividades motoras.

Blikstein, em sua obra *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade* (1985), faz uma análise acerca do filme de Herzog, utilizando-se dos aspectos linguístico-cognitivos para explicar o percurso do desenvolvimento de Hauser e a relação deste com a sociedade, através da relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade. O autor, em suas análises, considera que a construção perceptiva do indivíduo depende, sobretudo, da práxis social necessária à promoção da estrutura referencial-cultural de compreensão da realidade: “Kaspar Hauser, entretanto, nos levaria a questionar o inatismo, pois os seus ‘enigmas’ de cognição e compreensão do mundo estão a indicar que a percepção depende, sobretudo, de uma construção e de uma prática social.” (BLIKSTEIN, 1985, p. 52).

No filme, o ambiente onde se desenvolve a trama é a cidade alemã de Nuremberg, e ali são retratados os acontecimentos ocorridos entre os anos de 1828 a 1833. No ano de 1828, Hauser é retirado do cativo por um personagem não identificado, uma espécie de tutor, e levado até a cidade de Nuremberg. Lá deveria ser inserido na sociedade e se tornar um cavaleiro, absorvendo tudo o que já estava socialmente estabelecido e que até então lhe fora negado conhecer. Com esse intuito, antes mesmo de retirá-lo do porão, o tutor dá-lhe as primeiras e essenciais coordenadas sobre como escrever e falar, fazendo-o repetir os signos “escrever” e “cavalo”, apesar do jovem não compreender a relação entre os signos e os significados. Após ensinar-lhe os primeiros passos, o homem o leva para uma praça e o deixa sozinho e, portando um livro de orações, um terço, algumas folhas de ouro e com uma carta na mão, endereçada a certo capitão, o qual deveria acolhê-lo e fazer dele um cavaleiro. Hauser repetia seguidamente: “Devo me tornar tão bom cavaleiro quanto meu pai foi.” Um cidadão o leva até a casa do capitão, porém o mesmo não se encontra em casa e seu empregado ordena que Hauser seja levado para a estrebaria. Um processo oficial é aberto e de lá o personagem é levado para a prisão, onde os oficiais testam suas capacidades visando enquadrá-lo nas normas legais e descobrem que ele não sabe falar nada além do que foi treinado, nem escrever, não conhece o medo, a dor e só sabe se alimentar de pão e água. Os indivíduos daquela sociedade tentavam encontrar explicações para a sua falta de conhecimento acreditando, por vezes, que se tratava de loucura ou de um estado de

selvageria, ou ainda algo curioso, um verdadeiro mistério a ser desvendado. Isto fica claro na cena em que ele é levado a um circo, para ser apresentado como uma aberração.

Após passar por inúmeros preconceitos e humilhações, Hauser é acolhido na casa do professor Daumer Feuerbach, que se interessa por cuidar de sua educação e ensinar-lhe tudo sobre o mundo. Hauser então conhece a música, que lhe causa muita emoção, aprende a tocar piano e também começa a escrever sua autobiografia. Porém, embora conhecesse as palavras, não apreendia com facilidade os significados das mesmas e, desse modo, sua “tradução” da realidade diferia da compreensão geral. Assim, o personagem se adentrava a uma realidade totalmente nova e assustadora, em uma sociedade que já compartilhava de um consenso social, o qual Hauser, devido à privação do convívio com outros homens não conheceu e, mesmo ao tomar conhecimento, não aceitou se submeter a eles. Elaborou um sistema de significados próprios e acabou se constituindo em um exemplo de subversão da “ordem”. Segundo Blikstein (1985, p. 86), “Kaspar Hauser torna-se subversivo quando, ao não aceitar os referentes que a sociedade lhe impõe, abala os fundamentos da ilusão referencial. E é, sobretudo, por essa práxis libertadora (e não por um mero lance de novela policial) que ele deve morrer.”

Hauser possuía uma experiência perceptivo-cognitiva muito peculiar e diferente da experiência vivida por todos os outros com quem conviveu e que desde o nascimento foram cercados por indivíduos e costumes que lhe foram apresentados. Por isso, Hauser não foi aceito com naturalidade pelos demais, pois só poderia ser aceito como cidadão comum aquele que compartilhasse da mesma linguagem e dos mesmos códigos sociais; caso contrário seria considerado como diferente e, portanto, não seria aceito. Essa não-aceitação era percebida por Hauser que, por isso, acabou considerando os homens como lobos. Nesse contexto, sentia-se desprezado, demonstrando sentimentos e alguma compreensão de sua condição social. Agravava sua situação o fato de que tudo o que fazia parte da realidade lhe era incomum: as paisagens, as ruas, as casas, os objetos, as dimensões, a lógica, etc., de modo que, parecendo-lhe como confuso, ele concebia como um ambiente negativo, em oposição ao ambiente do cativo que concebia positivamente.

Cinco anos após ter sido retirado do cativo, o personagem em tela sofre dois atentados, sobrevive ao primeiro, mas não ao segundo. No filme não fica claro quem o assassinou e fica subentendido que a razão de sua morte seria o fato dele ter atitudes e convicções diferentes dos demais e não ter aderido aos consensos sociais estabelecidos pela sociedade abrangente, ou seja, quando contamos com parâmetros sociais compartilhados podemos ter um grau de previsibilidade

em relação às atitudes dos cidadãos. Se todos optam por transgredir estes parâmetros, esta previsibilidade deixa de existir. Por isso, o comportamento de Kaspar Hauser causava inquietação, um temor na população de que ele se transformasse em um exemplo de transgressão aos outros indivíduos, influenciando e “contaminando” a sociedade. Ao se deparar com um indivíduo que destoa das práticas comuns, a sociedade reage tentando marginalizá-lo, o que pode provocar sua morte simbólica e também a morte física, ou seja, na morte simbólica a condição de pessoa lhe é tomada ou não lhe é atribuída, e na morte física a sua vida é tirada. Com Hauser ocorreu as duas coisas.

Acreditamos que o intuito de Herzog com a história de Kaspar Hauser foi questionar a inserção social através da linguagem, que recorta o mundo, expressa os consensos sociais e requer o entendimento e a utilização de normas e parâmetros. O autor também analisa a reação da sociedade ao lidar com um indivíduo que não sabe falar nem andar, sendo assim considerado impossibilitado de articular raciocínios, pois estes são expressos por meio da linguagem.

Blikstein (1985), no decorrer de sua obra, dialoga com vários pensadores, filósofos e linguistas como Santo Agostinho, Pierce, Saussure, Buysens, entre outros, a fim de estruturar melhor a sua problematização utilizando os *Conceitos* e considerações destes, que serviram de base para a construção das "perguntas" a que o autor se destina a "responder". Porém, o ponto mais polêmico do desenrolar das ideias de Blikstein (1985) consiste no "referente", assim, o desconforto começa a partir do instante em que o autor cita o *Triângulo de Ogden e Richards*, que na tentativa de definir o “significado de significado” fundam a ideia de "referente": “[...] C.K. Ogden e I. A. Richards lançaram a figura do referente, isto é, a coisa extralinguística, que distinguem nitidamente de referência, ou significado linguístico.” (BLIKSTEIN, 1985, p. 23).

A preocupação com a correta comunicação entre símbolo e referência, ou significante e significado, irá propiciar a construção do debate maior sobre as barreiras e obstáculos criados pela influência da linguagem sobre o pensamento. Para o autor, “[...] a realidade extralinguística não seria decisiva para a articulação do significado dos signos; o que importa é que a relação entre símbolo e referência seja correta e até lógica.” (BLIKSTEIN, 1985, p. 25).

Os objetos não eram percebidos por Hauser do mesmo jeito que eram pelos indivíduos condicionados a uma prática social definida previamente, ou seja, Hauser não possuía os "filtros" e os “óculos sociais” ou “estereótipos” culturais que condicionassem sua percepção e conhecimento. Segundo Blikstein (1985), tais "filtros" e “estereótipos”, são garantidos e reforçados pela linguagem. Assim, o processo de conhecimento da realidade é regulado por uma

contínua interação de práticas culturais, percepção e linguagem. Hauser, ao chegar a Nuremberg, portanto, teve a sua aproximação cognitiva da realidade de forma direta, por isso “[...] para Kaspar Hauser, não haveria referente ou realidade fabricada, o que leva a ver o mundo como uma amálgama de manchas.” (BLIKSTEIN, 1985, p.77).

De acordo com Berger e Berger (1977, p. 204), é designado socialização “[...] o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade [...]”, ou seja, é o processo pelo qual os membros de determinada sociedade aprendem a compartilhar dos mesmos valores, comportamentos, crenças, etc. Kaspar Hauser foi privado deste processo, pois ficou preso em um cativo até os dezesseis anos, por isso, sua socialização se deu tardiamente. A socialização é um processo contínuo iniciado com o nascimento, porém, a fase mais importante é a infância, quando ocorre o que se denomina socialização primária, “[...] o processo por meio do qual a criança se transforma num membro participante da sociedade.” (BERGER; BERGER, 1977, p. 213). Já “[...] a socialização secundária compreende todos os processos posteriores, por meio do qual o indivíduo é introduzido num mundo social específico.” (BERGER; BERGER, 1977, p. 213).

Segundo Berger e Berger (1977), a linguagem constitui um elemento essencial do processo de socialização, e mais do que isso, de qualquer participação posterior na sociedade. É por meio da linguagem que a criança aprende a transmitir e a reter certos significados socialmente reconhecidos, e também adquire a capacidade de pensar abstratamente e refletir, isto é, consegue ir além das experiências imediatas, pois é através da reflexão cada vez mais intensa que a criança toma consciência de si mesma e de sua individualidade. Assim, a socialização é um processo que possibilita ao indivíduo a assimilação dos códigos estabelecidos, também chamada de interiorização, que

[...] significa que o mundo social, com sua multiplicidade de significados, passa a interiorizar-se na consciência da criança. Aquilo que anteriormente era experimentado como alguma coisa existente fora dela agora também pode ser experimentado dentro dela. Através de um complicado processo de reciprocidade e reflexão, certa simetria se estabelece entre o mundo interior do indivíduo e o mundo social externo, em cujo âmbito o mesmo está sendo socializado [...] (BERGER; BERGER, 1977, p. 208).

Antes da socialização Kaspar Hauser via o mundo sem os estereótipos de percepção. Porém, no processo de socialização ele parece não entender as explicações que lhe dão, pois para compreender o significado das palavras, e o que elas representam, deveria ter passado por um processo de aprendizagem necessário à compreensão da representatividade dos signos. Blikstein

(1985) diz que a educação não passa de uma construção semiológica que propicia a ilusão da realidade, vez que a educação vai estimulando na criança um processo de abstração. É justamente esse processo que Kaspar Hauser não vivenciou. Entretanto, as pessoas impunham a ele todos os tipos de signos esperando que compreendesse o mundo por meio da língua. Isso ocorre pela compreensão social de que a língua atua sobre a práxis, e uma vez promovida essa interação entre língua e práxis, quanto mais se aprofunda o processo de socialização mais elas se entrelaçam, portanto, quando a língua age sobre a práxis, ela pode modelar o referente e fabricar a realidade.

Para entender esse processo é importante resgatar o significado de cultura. Partimos de uma concepção universalista em que é atribuída ao antropólogo britânico da escola evolucionista, Edward Burnett Tylor, uma das primeiras definições formais de cultura, de modo que ele é considerado o inventor do conceito científico de cultura (CUCHE, 1999). Tylor já nas primeiras linhas de sua obra *A Ciência da Cultura*, escrito em 1871, afirma que o conceito de cultura refere-se a um conjunto complexo de conhecimentos, crença, arte, moral e lei, além dos costumes, capacidades e hábitos adquiridos pelos indivíduos na condição de membro da sociedade. Nesse sentido, “[...] como o catálogo de todas as espécies de plantas e animais de um distrito representa sua flora e fauna, a lista de todos os itens da vida geral de um povo representa aquele todo que chamamos sua cultura”. (TYLOR, 2005, p.77-78). De acordo com Cuche (1999), para Tylor a cultura é caracterizada por sua dimensão coletiva, a qual expressa a totalidade da vida social do homem.

Passando para uma concepção funcionalista da cultura temos Bronislaw Malinowski, que defendia que a sociedade deveria ser estudada na sua totalidade, como um organismo formado por uma lógica interna e singular que se divide em uma complexa rede de relações, ou seja, a cultura é um código compartilhado pela sociedade. Para o autor, a cultura é aprendida dentro deste grupo, portanto não é biológica, e por isso qualquer indivíduo pode aprender qualquer cultura, desde que seja socializado dentro dela. Para o autor, a cultura é o processo e o produto, é o mais amplo contexto de comportamento humano. Desse modo, a cultura representa o todo social, que compreende também o conjunto de todas as instituições, assim, constitui uma maneira de resolver as necessidades humanas.

Outra contribuição clássica da antropologia para o conceito de cultura é do antropólogo alemão, naturalizado americano, Franz Boas, que possuía uma visão mais particularista de cultura. Devido a Boas ser o primeiro a fazer pesquisas *in loco*, com observação direta e prolongada de culturas primitivas, lhe é atribuído o título de inventor da etnografia (CUCHE, 1999). Boas

estava preocupado em estudar a diversidade humana, pois para a principal diferença entre os grupos humanos é de ordem cultural e não racial ou biológica, as diferenças são adquiridas ao longo da vida e não inatas (CUCHE, 1999). Deve-se a Boas também a contribuição acerca do conceito de relativismo cultural. Acreditava que cada cultura é única e específica, de modo que “[...] cada cultura representa uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade” (CUCHE, 1999, p. 45). Não se preocupava apenas em descrever os fatos culturais, mas buscava entendê-los inseridos em um conjunto de outros fatos aos quais estão ligados, relacionando-os aos seus contextos e produzindo coerência, pois para ele um costume particular só poderia ser explicado se fosse relacionado ao seu contexto cultural (CUCHE, 1999).

Conforme demonstra Clifford Geertz em seu texto *O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem*, a Antropologia tem buscado encontrar um caminho para um conceito mais viável sobre o homem, no qual a cultura e a diversidade cultural possam ser compreendidas em sua real dimensão. É imprescindível considerar que a diversidade existe e precisa ser respeitada, além disso, deve ser compreendida e interpretada de forma que cada detalhe, cada campo seja visto de acordo com suas particularidades. Geertz (2008) faz uma crítica ao Iluminismo, pois este trazia uma perspectiva de homem universal, em que todos eram iguais, como se a condição humana fosse uma só. “A perspectiva iluminista do homem era, naturalmente, a de que ele constituía uma só peça com a natureza e partilhava da uniformidade geral de composição que a Ciência Natural havia descoberto sob o incitamento de Bacon e a orientação de Newton.” (GEERTZ, 2008, p. 25).

A partir desse breve resgate acerca do desenvolvimento do conceito de cultura, percebemos como, na obra de Herzog, o processo perceptivo-cognitivo se dá em um ser totalmente desligado do mundo entendido como real e comum à maioria das pessoas, possibilitando reflexões sobre a influência da linguagem e do capital cultural na percepção da realidade, ou seja, o entendimento de como as coisas que se pode aprender ao longo da vida como gramática, lógica, matemática, religião, conhecimentos históricos, comportamentos culturais, etc., influenciam a capacidade de compreensão dos fenômenos que acontecem no meio e com os indivíduos de forma geral. A bagagem cultural necessária a esse processo faltava ao nosso personagem, dificultando sua compreensão do real. Segundo Bourdieu,

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais - quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim,

no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 1998, p. 74).

Sob esse prisma, ao associar uma ideia a um signo ou a uma imagem, ocorre, portanto, uma limitação do significado da ideia em função de uma definição restrita. As ideias passam a expressar só o que os signos e as imagens conseguem expressar, mas não abarcam a totalidade da realidade, pois, o signo é a expressão linguística de uma parcela da realidade e a referência/significado é a codificação do referente/realidade. Portanto, o significado retrata a realidade, mas o signo/significante não consegue retratar fielmente a realidade, ou seja, o signo/significante não consegue explicar a realidade em todas as suas nuances. Podemos exemplificar com a palavra saudade, porque não é possível explicar através deste signo o sentimento expresso na sua totalidade.

A linguagem recorta o mundo, produz, reproduz e compartilha o entendimento, mas o entendimento não está restrito a ela. Porque pode existir significado fora da linguagem, pois o significado é extralinguístico, por exemplo, um texto é formado por um conjunto de signos organizados coerentemente de forma a tornar possível a compreensão deste texto. A nossa compreensão, porém, está intimamente ligada à compreensão de cada palavra que associada a outras formam o texto. Portanto, a compreensão e apreensão dos significados dependem de uma série de fatores, dentre eles os conhecimentos prévios como o conhecimento enciclopédico e o conhecimento de mundo, o capital cultural entre outros.

Por meio da compreensão do significado é possível estabelecer uma comunicação, porém esta não depende somente da linguagem, mas sim da apreensão e codificação do significado. Por isso, podemos concluir que o significado é extralinguístico, porém “[...] o fato de o referente ser extralinguístico não significa que deva ficar fora da linguística; ele simplesmente está situado atrás, ou antes, da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção.” (BLIKSTEIN, 1985, p.39). Segundo Blikstein (1985, p. 39), as raízes da significação se desenvolvem antes mesmo da própria linguagem, na percepção-cognição, portanto, através da percepção-cognição é que podemos perceber o mundo e as coisas. O significado é construído pelo indivíduo em suas relações com sua realidade, por meio das mediações e através da percepção-codificação do objeto real.

Ao sair do cativo, Kaspar Hauser tem o primeiro contato com o espaço externo, iniciando assim o processo de socialização. Logo, através do processo de percepção/codificação

começa a vincular significados para as coisas que até então não existiam para ele. Como já foi explicado, o fato de compartilhar os signos não significa compartilhar os significados e isto fica provado no momento em que Kaspar Hauser repete as palavras sem conhecer os seus significados.

Segundo Blikstein (1985), é preciso sempre remeter-se à reflexão sobre o papel da linguagem, da comunicação e dos consensos sociais. Para o autor, existe um padrão de conhecimento socialmente aceito, ou seja, o significante e o significado são representações da realidade social, manifestadas através da comunicação entre os indivíduos. A comunicação é composta por textos, imagens e sons, que para tornarem-se inteligíveis necessitam de um conhecimento prévio, e Kaspar Hauser, por não possuir estes conhecimentos, demonstrava dificuldades em se comunicar. Segundo Kleiman,

A compreensão de um texto é um processo se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto (KLEIMAN, 1995, p.13).

Em suma, para adentrar a esfera do consenso social Hauser precisaria partilhar, além das palavras, dos signos, também uma compreensão consensual que reside nos significados auferidos ao mundo, pois, geralmente é imposto às pessoas que irão adentrar a uma determinada sociedade, que estas partilhem da mesma linguagem e da compreensão consensual dos demais membros de determinados grupos sociais. Mas Hauser construiu a sua própria rede de significados, que não foram aceitos pela sociedade.

Blikstein narra também a relação existente entre a linguagem e o pensamento no caminho do desenvolvimento cognitivo de Kaspar Hauser, e afirma que:

[...] apesar da aquisição da linguagem Kaspar Hauser descodifica de modo sempre aberrante a significação do mundo. A permanência do déficit cognitivo de Kaspar Hauser seria um índice de que os elementos que modelam a percepção do mundo e as configurações conceituais podem ser capturados não só na linguagem mas sobretudo na dimensão da práxis (BLIKSTEIN, 1985, p.55).

Por fim, Blikstein (1985) explica como foi o processo de percepção do mundo que cercava Kaspar Hauser, pois este se encontrava privado de todos os fenômenos culturais que possibilitavam a percepção e o conhecimento da realidade. Dando continuidade à discussão, o autor descreve as dificuldades de Kaspar Hauser ao deixar o cativeiro e ser colocado em uma sociedade passando por um processo de integração, com a imposição dos usos da linguagem e no esforço de compreensão dos elementos que lhe são novos. Pois, na certeza de que Hauser

compreenderia o mundo que o cercava, os indivíduos que estavam à sua volta apresentaram-lhe todo tipo de signo. Porém, conhecer as palavras que buscavam traduzir o mundo à sua volta não foi suficiente para Hauser conhecer a realidade.

Conhecer o mundo pela linguagem, por signos linguísticos, parece não bastar para dissolver o permanente mistério e a perplexidade do olhar de Kaspar Hauser. Talvez porque a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação linguística com que o recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade (BLIKSTEIN, 1985, p. 17).

Por fim, Blinkstein (1985) diz que Hauser passa a representar um incômodo para a sociedade de Nuremberg ao passo que utiliza a linguagem para desafiar a percepção/cognição que lhe é imposta, provando que aquela realidade imposta é apenas um produto da práxis social de Nuremberg. Quando não aceita os códigos que tentam lhe inculcar, Hauser torna-se um subversor da ordem, e é por esta sua *práxis libertadora* que ele deve morrer. Afirma Saboya que

O século XIX, época em que Kaspar Hauser viveu, foi um período marcado pela perspectiva positivista, evolucionista e desenvolvimentista. A visão de que havia um modelo de civilização e de desenvolvimento a ser alcançado, tanto pelos homens, como pelas sociedades, estava em seu auge. Todos aqueles que não correspondiam ao protótipo do homem "civilizado" eram classificados como primitivos, atrasados e deveriam ser "ajudados" a alcançar graus mais avançados na escala de desenvolvimento e evolução. É dentro dessa visão de mundo que Kaspar Hauser vai ser socializado. (2001, s/p).

Nesse contexto, estava no auge na Alemanha a Frenologia, teoria desenvolvida pelo médico alemão Franz Joseph Gall por volta de 1800 e popularizada durante o século XIX. Hoje desacreditada e considerada uma pseudociência, a teoria reivindicava a capacidade de determinar o caráter e características da personalidade pela análise do formato do crânio. A Frenologia guarda claras coincidências com as bases fundamentais dos estudos desenvolvidos pelo médico italiano Cesare Lombroso, em meados do século XIX. Sua obra, *O homem delinquente* (1876), que traz a teoria do *criminoso nato*, teria sofrido direta influência da Frenologia, embora tenha se dedicado aos aspectos relativos às tendências criminosas, circunscrevendo seus trabalhos no âmbito de uma criminologia antropológica que serviu de embasamento para ações eugenistas, que primaram por comportamentos racistas, sendo, inclusive usada como forte conteúdo justificador dos campos de extermínio nazistas. (TASSE, 2013).

Com base nisso, chama-nos a atenção no filme que, uma vez atingido mortalmente, no momento da autópsia é verificada uma "anomalia" no cérebro de Kaspar Hauser, o cerebelo

muito desenvolvido, e isto é apresentado no filme como uma descoberta capaz de explicar seu comportamento diferente e questionador, pois se acreditava ter descoberto o enigma de Kaspar Hauser. O processo legal aberto sobre o caso foi lavrado com a “melhor resposta que poderiam achar para o mistério sobre aquele estranho personagem”. Mas, nos resta o questionamento se havia mesmo uma característica peculiar na anatomia de Hauser ou se os legistas foram influenciados pelas teorias em voga à época.

Bem... Mas esta é outra história... Mas que não deixa de nos reportar ao pensamento de Lévi-Strauss (1976b) ao afirmar, categoricamente, que o homem moderno, ao não compreender intelectualmente as diferenças, as diversidades, gerou inúmeras especulações filosóficas e sociológicas que tentavam suprimir a diversidade colocando todos dentro de um plano universal. De acordo com o autor, o homem não pode ser considerado como universal, e é necessário considerar as particularidades de cada sociedade na qual o homem está inserido.

A diversidade gerou e continua gerando uma sensação de desconforto de uma sociedade frente à outra, e também entre os indivíduos, e esta sensação é chamada de etnocentrismo, que consiste em repudiar as outras formas de cultura, que possuem atitudes afastadas daquelas com as quais se identifica.

Podemos concluir que, tanto Herzog (1974) quanto Blikstein (1985), apontam que Kaspar Hauser representava, para a sociedade de Nuremberg, um incômodo, pois ao olhar a realidade através dos significados criados por ele mesmo, não aceitava os códigos que a sociedade insistia em lhe impor, negando assim as normas vigentes, e sendo, portanto, considerado subversivo aos olhos da população. Kaspar Hauser não se submeteu às regras, por não as ter interiorizado.

Durante o processo de socialização, o indivíduo incorpora certo tipo de capital cultural assimilando as práticas comuns de determinado grupo. Durante o envolvimento de Kaspar Hauser com a educação informal é que acontece a incorporação de seu capital cultural, como na experiência que tem com a música, inclusive aprendendo a tocar piano. Todavia, ele não teve uma aquisição maior de capital cultural, pois o seu tempo de vivência na sociedade com seu “preceptor” foi curta.

Enfim, o caso de Kaspar Hauser demonstra que o processo de socialização, é consequência de uma longa cadeia de aprendizado com o grupo social, que acontece a partir do momento em que o indivíduo nasce e começa a assimilar e interiorizar os hábitos e costumes característicos deste grupo. Ao participar da vida em sociedade o indivíduo reprime suas características naturais

para desenvolver as características sociais e culturais, se submetendo aos padrões criados e impostos pela sociedade. Kaspar Hauser, mesmo tendo aprendido minimamente a andar e a se comunicar oralmente e por escrito, além de ter compreendido e internalizado alguns códigos impostos pelos indivíduos de Nuremberg, tinha sua vida marcada pelo estigma da rejeição desde a infância. Portanto, dado seu contexto social, seria sempre visto como diferente e anormal.

Referências

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. *Socialização: como ser um membro da sociedade*. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. (Comp.). **Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: _____. *Escritos da Educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1995.

SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial. *Psicologia USP*, 12 (2), 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-65642001000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 28 jul. 2015.

O enigma de Kaspar Hauser. Direção: Werner Herzog. Alemanha: Werner Herzog Film, 1974. 1 DVD (109 min.), son., color., legendado. Tradução de: Versátil Home Video.

TASSE, Adel El. *Criminologia*. São Paulo: Saraiva, 2013. (Coleção saberes do Direito, 58).

Recebido em: 17 de novembro de 2016.

Aceito em: 27 de julho de 2016.